

ARTE E LINGUAGEM I.

Tópico 2

ARTE . VISUAL . ENSINO

Ambiente Virtual de Aprendizagem

Professor Doutor

Isaac Antonio Camargo

A Arte Visual e seu percurso.



Cursos de Artes Visuais – Licenciatura e Bacharelado
Faculdade de Artes, Letras e Comunicação
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

**ARTE
VISUAL
ensino**

***O conceito de Obra de Arte Visual
e seu percurso.***

Uma Obra de Arte é uma manifestação artística. Digo que a Arte é a *Manifestação Estética da Humanidade*, é criadas em diferentes categorias ou modalidades expressivas: Visual, Musical, Cênica, Literária ou Audiovisual. Consiste na elaboração de trabalhos e proposições que envolvem aspectos conceituais, estéticos, propositivos e técnicos. As Obras de Arte Visual operam a partir *Substâncias de Expressão* cujas *Qualidades* vão visíveis.

Contudo as transformações que ocorreram neste campo do processo artístico manteve a questão da visualidade durante muito tempo, mas foi além dela, logo, é essencial pensar, inicialmente, sobre o sentido de *Imagem*, depois ir além dela. Costumo usar a seguinte definição: *Imagem é uma configuração visual geradora de sentido*. É um recurso didático para auxiliar a compreensão das manifestações visuais que foram usadas pela humanidade ao longo da história.

Foi por meio das Imagens que ocorreram as primeiras manifestações visuais registradas pelos seres humanos na pré-história, dali em diante, todos os períodos recortados pelos estudiosos sobre a Arte olharam para as transformações sociais da humanidade, através delas. Mesmo quando a ideia de Arte ainda não existia como se entende atualmente, as manifestações imagéticas já produziam sentido além de atestar condutas místicas, rituais e simbólicas de antigos grupamentos e civilizações, logo, pode-se dizer que a Imagem é a testemunha ocular da história.

A ideia de *Configuração* se refere a elaboração de estruturas para enformar, “dar forma”, formatar, ou seja, construir ou criar algo a partir da forma, do formato que possa revelar alguma aparência, alguma coisa. seja por meio da materialidade que a ampara ou das qualidades sensíveis capazes de serem apreendidas e interpretadas por outrem. É isto que possibilita ao ser humano impor sentidos a elas, como também obter significação. Configurar é dar forma e/ou apreender formas, a partir da aparência, do feitio de algo, seja obtido por meio da observação ou invenção, imaginação. Criar, inventar, representar são condutas configurativas.

As Configurações visuais podem ser realizadas de várias maneiras: por meio de construção/elaboração técnica, arranjos estruturais, proposições conceituais, performáticas ou interventivas, todos são modos de Configurar, de *dar existência* a algo. Independente do modo por meio do qual algo foi manifesto, já detém em si o potencial gerador de sentido. Basta entender que as Obras de Arte são recursos para manifestação expressiva, contém em si seus próprios sistemas de *interação generativa* capazes de produzir sentidos e significação.

O primeiro ponto para entender uma Obra de Arte como meio generativo é sua capacidade de interação, ou seja, para que seja entendida deve ser observada, apreendida e interpretada. Há um componente comunicacional embutido nelas de tal forma que se não houver alguém ou algo que a acesse e/ou interprete, ela não gera sentido, portanto, o que foi chamado aqui de interação generativa é também *intenção volitiva*: a vontade de significar algo para alguém, seja humano ou sobrenatural.

Na contemporaneidade o que se entende por Arte Visual engloba muito mais manifestações do que apenas de imagens bidimensionais e planas como o Desenho, a Pintura, a Gravura, a Fotografia ou projeções audiovisuais, vai além por meio de objetos, instalações, intervenções ou performances, projeções visuais ou audiovisuais e também por meio de programas computacionais, enfim, uma Obra de Arte Visual, para ser concebida e/ou compreendida depende da análise do contexto histórico e cultural no qual surge e do entendimento de Arte que se tem deste contexto.

Parte-se do pressuposto de que toda *Configuração Visual* é geradora de Sentido. Ao tomar a concepção de que uma Imagem é composta de Forma e Conteúdo pode-se dizer, semioticamente, que uma imagem é um signo constituído de Significante e Significado. Sendo o Significante sua aparência ou configuração formal e Significado o conteúdo ou sentido que promove ou gera no contexto social do qual emana ou com o qual dialoga. Grosso modo uma Configuração Visual pode ser considerada como Signo Imagético dotado ou gerador de sentido.

Pode-se dizer, então, que uma Obra de Arte tem por finalidade ou função estabelecer uma interação entre quem e como a produz e os componentes do contexto social no qual surge e o que significa nele. As Obras de Arte envolvem, além de questões socioculturais, questões de caráter constitutivo, plásticos e visuais, como também aspectos estéticos e conceituais que as tornam manifestações *sui generis* da espécie humana. Não é tão simples conceitua-las e para entendê-las é necessário desenvolver estudos dedicados à sua compreensão já estão em constante transformação.

No campo exclusivo da Arte Visual, desde as primeiras décadas do século XX as manifestações artísticas deixaram de lado os modos, processos e condicionantes tradicionais e passaram a recorrer a novas possibilidades conceituais, estéticas e expressivas com o fim de conquistar sua autonomia estética, experimental e propositiva, assim as categorias tradicionais foram sendo transformadas, recicladas, e ressignificadas por meio de novas estratégias, com isto, tanto romperam com o passado quanto inauguraram novas possibilidades formais.

Habitualmente se entende por História da Arte o estudo do percurso cronológico das imagens, em especial, as bidimensionais, ou seja planas e fixas, constituídas pelas Pinturas, Desenhos, Gravuras, Fotografias e outras configurações planares. Não se subentende que História da Arte se refira à música, ao teatro, à dança, à literatura ou cinema e audiovisual, há uma espécie de “convenção” entendendo que História da Arte se refere à História da Pintura.

Talvez, tal entendimento, decorra da maior quantidade de imagens bidimensionais que foi produzida ou sobreviveu ao passar do tempo. Embora a este entendimento não represente o todo da produção artística humana ao longo da história, tem sido a abordagem mais comum. Muitos autores, mesmo no contexto da Arte Visual, tomam as imagens planares como fontes ou objetos de estudo e ignoram as Tridimensionais.

Como se sabe, as manifestações do Espaço tridimensional foram, durante muito tempo, relacionadas às Esculturas, Modelagens, Entalhes e Arquitetura, ou seja, estavam, ocupavam ou eram o Espaço tridimensional do meio ambiente. Com o advento do Modernismo as manifestações artísticas passaram a se apropriar de novos elementos plásticos e estéticos quebrando as regras das categorias originais e foram, aos poucos, se tornando híbridas e sincréticas, usando técnicas mistas e expandindo seus domínios plásticos e visuais.

Romper com a tradição clássica canônica e hegemônica foi um dos recursos mais usados pelos artistas do Modernismo cujas experimentações alteraram os processos habituais das manifestações artísticas, logo, a questão da visualidade ou *retiniana* deixou de ser uma matriz do pensamento artístico para ser uma das opções possíveis para os processos criadores e criativos na produção de Obras de Arte, mesmo que ainda se chamassem “visuais”, logo Arte Visual não significa serem apenas Visuais.

Uma das características que esteve presente e orientou as manifestações artísticas na Arte Visual, desde seu surgimento, foi a mimese, ou imitação do visível. A representação de imagens identificáveis no entorno ou no ambiente de quem criava tais imagens era uma característica recorrente em tais criações. Pode-se dizer que isto aconteceu durante milênios e só a partir do Modernismo que este comportamento mudou de fato.

Portanto há milênios que as manifestações artísticas evocam a figuração visual e apenas nos últimos dois séculos que esta tendência mudou, logo, pode-se dizer, que ainda não se habituou a pensar as manifestações artísticas fora da figuração habitual. As manifestações não figurativas ou chamadas de Abstratas, só se consolidaram como um meio de expressão artística, reconhecidas pela História da Arte, a partir das primeiras décadas do século XX, ou seja: Milênios contra um século de Arte Visual.

As imagens figurativas constituídas por meio da Arte Visual nem sempre foram próximas ao naturalismo ou ao “realismo”. Elas tanto se aproximavam quanto se afastavam dele. Tais aproximações e afastamentos dependiam dos conceitos e funções que tais imagens tinham ou ocupavam em cada momento histórico ou cultural, portanto, sua significação variava de acordo com seu tempo e lugar.

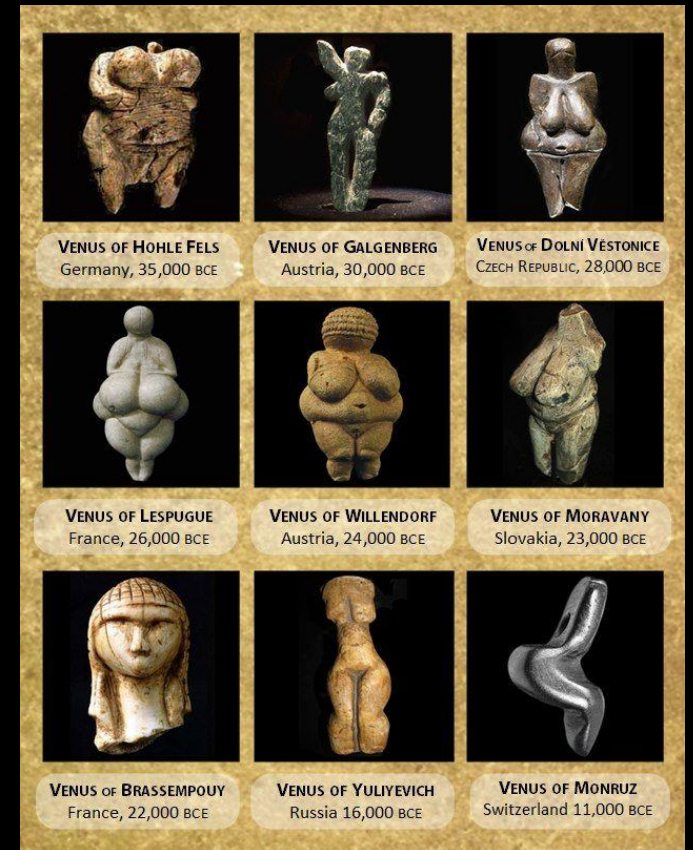
Pode-se dizer que num mesmo período histórico as imagens podiam ser realizadas de diferentes maneiras e se parecer mais ou menos com o que se via no meio ambiente. Haviam imagens mais naturalistas como não naturalistas. Isto sugere que as imagens podiam ser produzidas com fins ou funções diferentes. Costumo tomar por referência as primeiras imagens produzidas pelos seres humanos para facilitar o entendimento do percurso de produção de imagens no contexto da Arte Visual através do tempo:

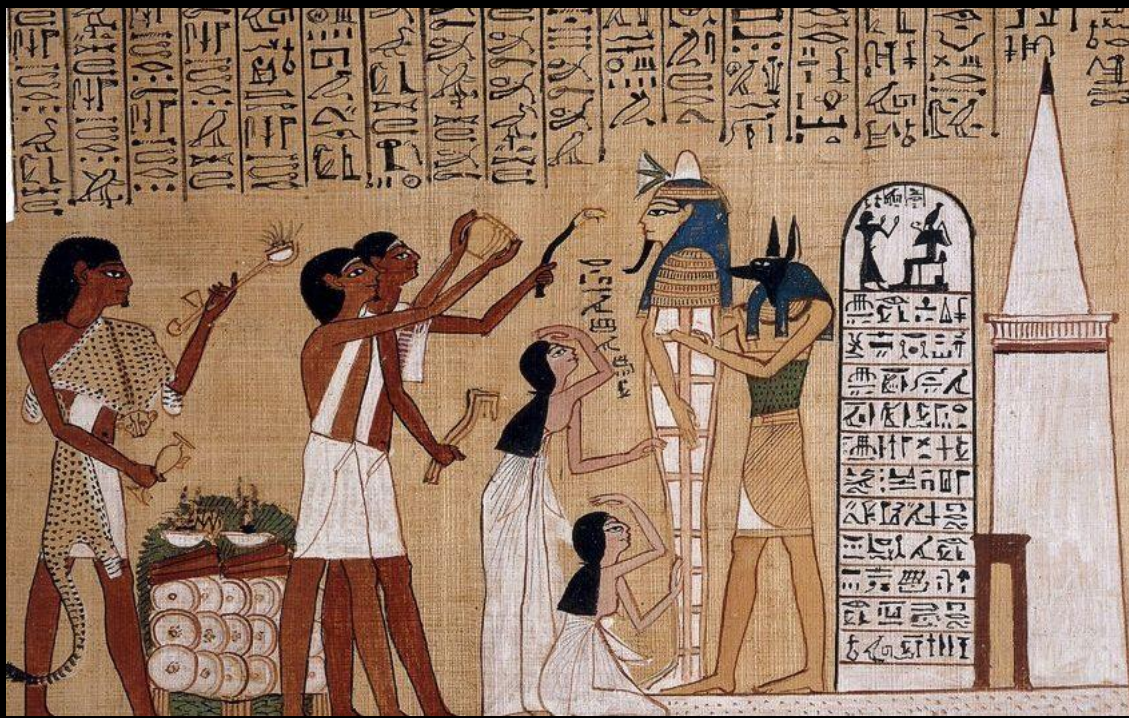


As imagens de Bisões da caverna de Altamira na Espanha, realizadas por volta de 30.000 anos atrás, têm caráter naturalista. Observe o uso de protuberâncias da rocha na caverna usadas como recurso para intensificar o “Efeito de Realidade” dando aos animais o volume que possuem no mundo natural. Pode-se observar também a habilidade de representação dos animais em posições diferentes: em pé e deitados ou abatidos.



As chamadas Vênus pré-históricas como a de Willendorf, acima à esquerda e de Hohle Fels, à direita, não correspondem a uma visão muito naturalista, embora se refiram a figuras humanas. A coleção de figuras relativas a estas Vênus, à direita, também reforçam a ideia de que o naturalismo não era um fator relevante para a construção de tais imagens.

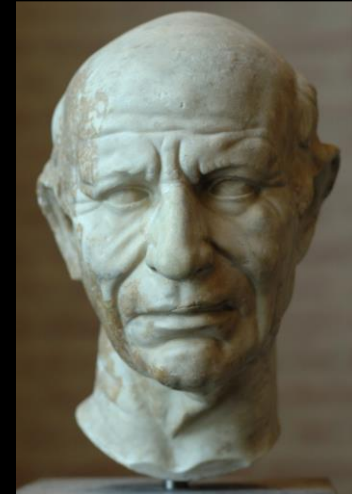




Não se pode dizer que a Arte Egípcia da Antiguidade tivesse preocupações naturalistas. Boa parte das imagens que criavam eram “esquemáticas”, não correspondiam às formas naturalistas. Eram desenvolvidas como uma espécie de “convenção” ou regras que homogeneizavam suas realizações imagéticas e ao mesmo tempo as tipificavam, criando uma identidade inconfundível.



Na antiguidade Clássica grega, as imagens sugeriam o naturalismo, no entanto, um “naturalismo idealizado”, ou seja, as imagens eram configuradas seguindo também um de padrão simétrico e canônico que não corresponde às formas do corpo humano na realidade, daí chamar à isto de “beleza ideal” ou idealizada, que caracteriza a Arte Clássica.



A Arte antiga Romana, recorre ao modelo grego, por isto a cultura ocidental se refere ao clássico greco-romano, mas também rompe com este modelo ao criar obras que se assemelham bastante ao mundo natural, aplicam uma alta dose de “realismo” a algumas de suas imagens, por isto são considerados os criadores do “Retrato”.



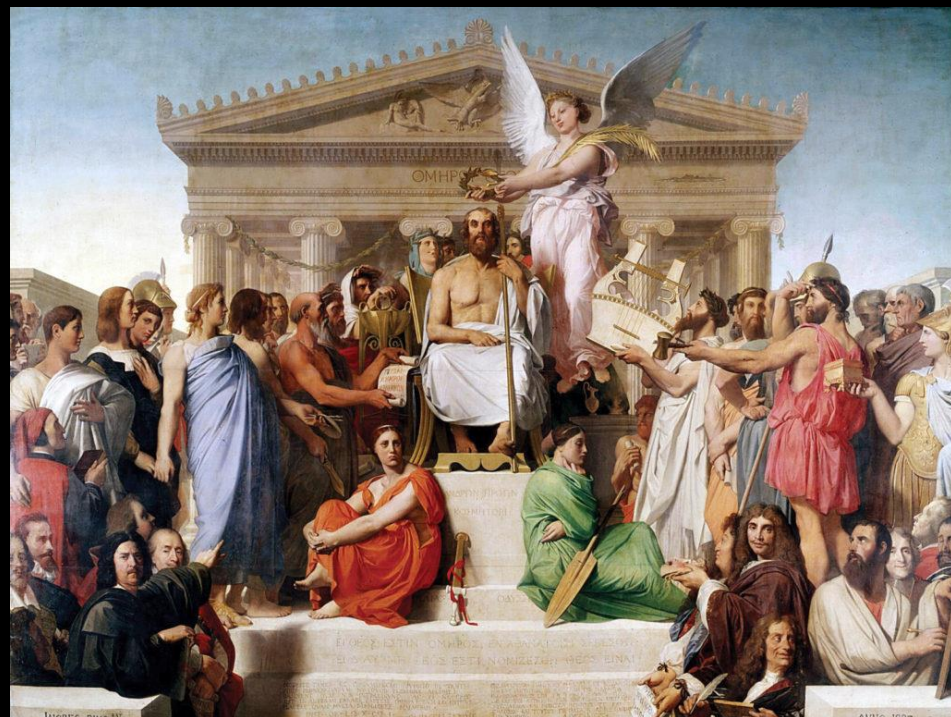
As manifestações artísticas no contexto medieval não respeitavam a visualidade do mundo natural, mas a recriavam a partir de concepções particulares subjetivas ou simbólicas, já que o interesse da Arte naquele período não era o “realismo” ou “naturalismo”, mas a espiritualidade. As imagens eram usadas com fins informativos ou educacionais, conforme o papa Gregório Magno propôs que as imagens deviam fazer pelos analfabetos o que os textos verbais faziam para os alfabetizados.

Ao artista cabia exercer tais atividades dependente de suas habilidades técnicas para transformar em imagens o que se via, o que se conhecia ou se imaginava *do* e *no* mundo. Portanto, cabia a ele a simples “ilustração” do já visto ou já dito, a criação autônoma, pessoal ou propositiva não era muito aceita no contexto da tradição artística, portanto o artista era visto mais como um artesão, um artífice do que intelectual, pesquisador ou criador.

Durante muito tempo, esta foi a compreensão de quem produzia Arte. Contudo, no Renascimento, com a criação das Academias, pelos mecenas, foi possível mudar o *status* profissional do artista de artesão para intelectual preparado por meio de estudos que incluíam geometria, anatomia, história, filosofia e as habilidades técnicas da Arte. Com isto o Artista é respeitado e passa a ser valorizado social e economicamente pelo poder dominante, assim a produção e mercantilização de Obras de Arte também se intensifica.



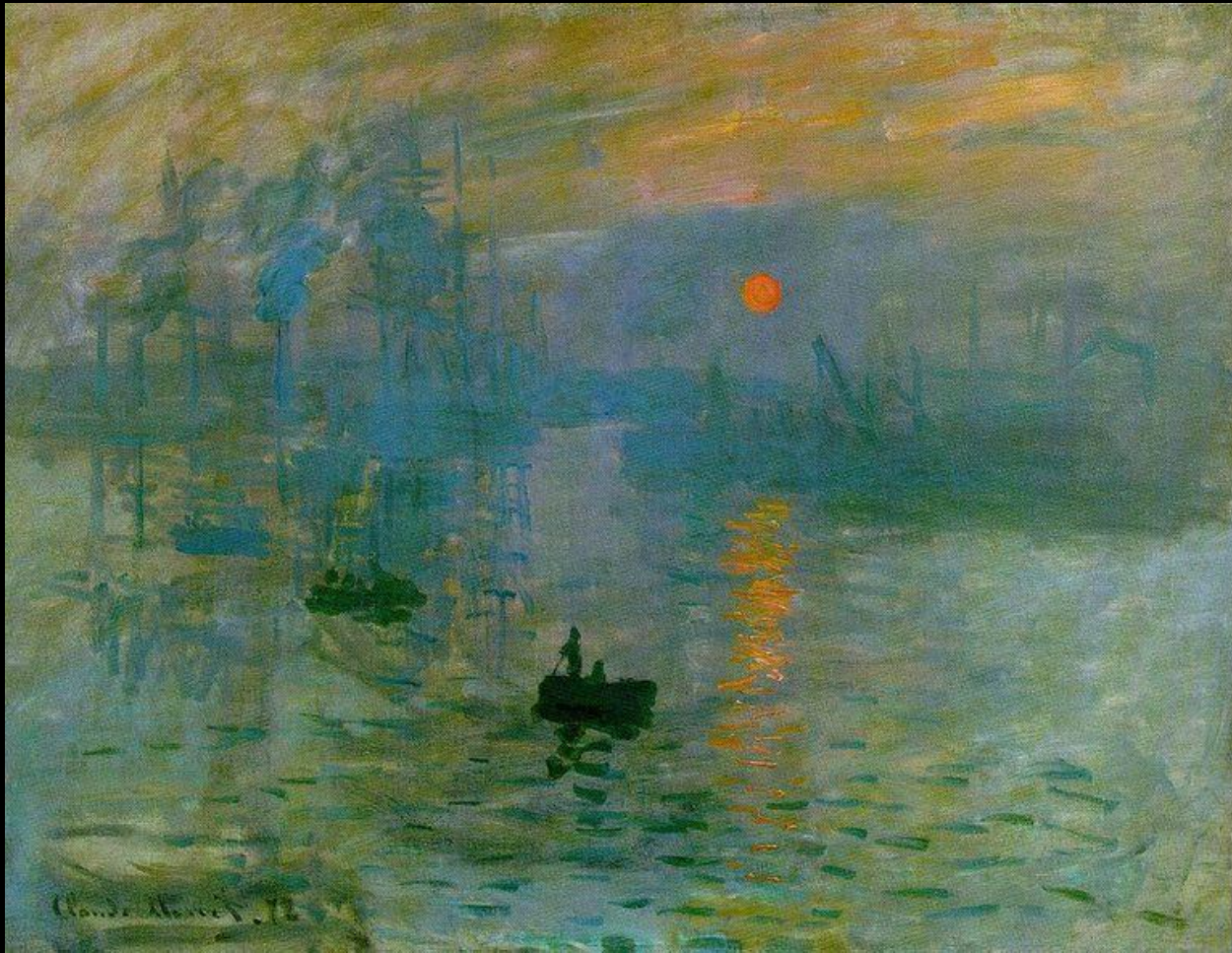
No Renascimento, ou seja, no Período Moderno, tanto Boticelli, à esquerda acima, ou Rafael, à esquerda abaixo ou Da Vinci, acima à direita, se dedicaram à representação lógica e estrutural do visível. O uso da Perspectiva geométrica, luz e sombra e as proporções entre o espaço, os corpos e figuras eram valorizados como modos de criação eficientes.



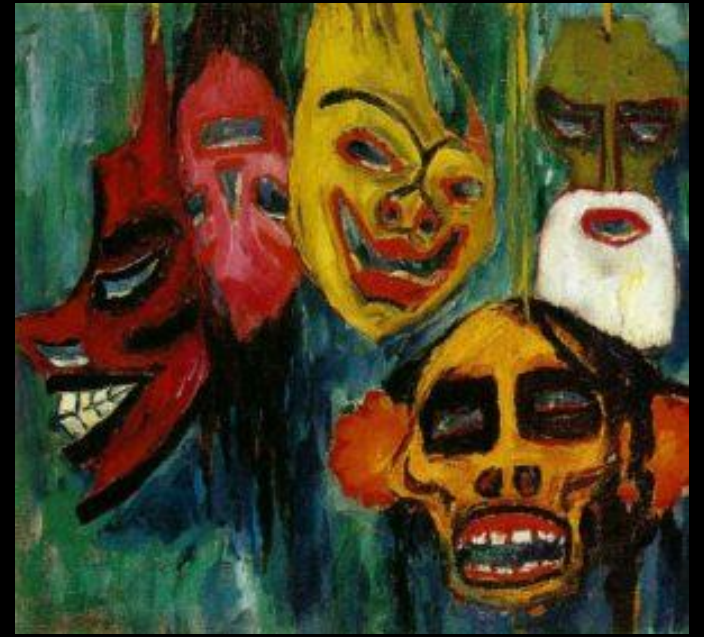
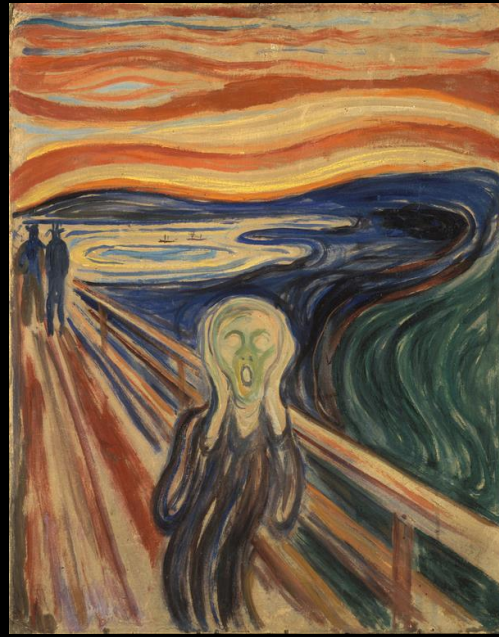
A tendência Clássica, de base greco-romana, recuperada pelo Renascimento em suas Academias se torna o parâmetro de criação, um estilo valorizado pelo poder dominante desde então. O Neoclássico, desenvolvido pelas Escolas de Belas Artes francesas passa a ser um modelo para artistas e para a sociedade. A obra de David acima e à esquerda e de Ingres abaixo, mostram justamente a influência da concepção formal Greco-Romana e de suas mitologias na concepção destas obras.

O que se vê no contexto do Neoclássico é a recuperação do passado “glorioso” greco-romano, uma espécie de reciclagem de um modelo anacrônico. A sociedade desde meados do século XVIII até o século XIX, adotou o modelo clássico, como uma espécie de “Arte Oficial” da burguesia em Ascensão. O caráter ilustrativo e literário, as formas e contornos elaborados e precisos definidos formalismo e poses escultóricas, valorizavam a anatomia e temas “politicamente corretos”, dignos de coleções privadas e públicas.

O Academicismo resulta do ensino do modelo acadêmico baseado em normas técnicas e práticas rígidas para a produção da “boa arte”. Este processo foi consolidado na Academia de Belas Artes francesa, mantida oficialmente pelo governo francês, com mostras realizadas no Louvre em Paris apenas para os participantes e egressos desta escola. Isto causou conflitos entre artistas e o governo que acabou por criar um salão paralelo, chamado de “Refuses” ou recusados que acabou por promover a quebra da hegemonia da tradição clássica.



Claude Monet: *Impressões do sol nascente*, 1872, é tida como o marco da ruptura com a tradição clássica e o surgimento do Modernismo com fruto do Salão dos Recusados. Nela o autor não recorre aos modelos tradicionais mas a impressões, ou seja à sua percepção do espaço, da atmosfera que envolve a paisagem e não mais às regras clássicas. Assim a Arte Visual assume a experimentação e autonomia criativa.



Artistas como Van Gogh, Ensor e Nold vão extrapolar as questões da visualidade do mundo visível impregnando suas obras de sua própria “expressividade”, ou seja, ao invés de reproduzir o que se mostrava diante deles no mundo natural, optam em recriar, rever, ressignificar o visível por meio de estratégias criativas que “desrespeitam” as convenções clássicas e convencionais, assim nascem o Expressionismo, o Fauvismo e outras manifestações mais contundentes que se afastam completamente da visualidade mimética do mundo.

Ainda no século XIX, justamente no período em que as primeiras manifestações Modernas surgem, surge também uma invenção que irá transformar definitivamente o conceito de produção e compreensão das imagens: a Fotografia. A História atribui a primeira imagem “fotográfica” ao francês Joseph Nicéphore-Niepce, cujo feito foi obter uma das primeiras imagens gravadas numa superfície sem intervenção da mão humana.

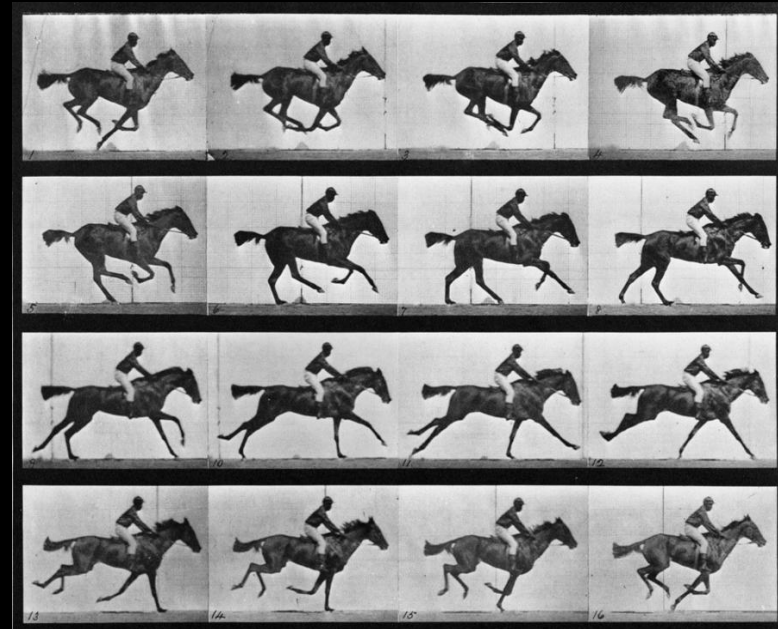


Imagem registrada numa placa metálica, coberta de betume da Judéia, a partir de uma exposição de aproximadamente oito horas da janela de sua casa por volta de 1826-27.

Neste mesmo período vários outros inventores estavam tentando fazer a mesma coisa: encontrar meios de reproduzir imagens de modo mais rápido e eficiente para dar conta da demanda editorial. Até então o único modo de reproduzir imagens era por meio de Gravuras: xilogravura, gravura em metal e litogravura, o processo preferido para ilustrações de livros, textos e produção de cartazes. Encontrar um meio que não dependesse da “mão do artista” seria mais rápido e mais econômico.

No final do século XIX, o processo fotográfico já havia atingido alto grau de eficiência na captação de imagens por meio de aparelhos óticos que usando a luz como “matéria prima”. Um fato curioso é que a primeira exposição chamada de “Impressionista”, foi realizada o atelier do fotógrafo Felix Tournachon, conhecido como Nadar. Dizem as más línguas que foi a Fotografia que provocou o afastamento da figuração tradicional realizada pelos artistas desde os primeiros tempos.

Como disse antes, a Fotografia provocou mudanças substanciais na concepção e realização de imagens, inclusive alterando a percepção sobre aspectos, antes nunca observados como o Movimento cinético. Fotógrafos como Eadweard J. Muybridge, inglês, (1830-1904) e Étienne-Jules Marey, francês, (1830-1904), ao desenvolverem os primeiros estudos fotográficos sobre o movimento. Criaram processos para documentar o deslocamento dos corpos no espaço. Fizeram experimentos de movimento com seres humanos e animais.



Muybridge descobre que um cavalo, ao galopar, permanece “no ar” por alguma fração de segundo. Abaixo, Marey consegue “descrever” o processo do salto em vara de um atleta.



Os experimentos conduzidos por Muybridge e Marey, possibilitaram aos irmãos Lumière e Thomas Edson, desenvolverem processos de captação e reprodução de imagens em movimento que resultaram no Cinematógrafo e no Cinema. Este invento, por sua vez, possibilitou o surgimento do Vídeo eletrônico e depois o Vídeo digital que hoje é chamado de Audiovisual. Portanto, os avanços tecnológicos sempre contribuíram para as transformações da Arte, seja na aparência, na essência ou na linguagem.

Antes disso não se pode dizer que não houvessem tentativas de incorporar ‘efeito’ de movimento às imagens. Um exemplo disso pode ser deduzido de algumas imagens de obras do Antigo Egito:



A partir dos anos finais do século XIX e primeiros do século XX, as transformações formais e estéticas passam a surgir com muita intensidade, é o período de proliferação dos “ismos”. Na primeira década do século XX, além do Impressionismo, Expressionismo e Fauvismo, vão surgir: o Futurismo, o Cubismo, o Orfismo e o Raionismo que lidam com questões estruturais da Espacialidade e também da Temporalidade, aspectos que passam a ser temas ou proposições no contexto da Arte Visual.

Em 20 de fevereiro de 1909, o poeta italiano Filippo Marinetti, publica o *Manifesto Futurista*, no jornal francês *Le Figaro*. É o primeiro Manifesto Artístico, nele aponta uma nova concepção formal no contexto da Arte Visual: o *Movimento Cinético*, deslocamento dos corpos no espaço, a velocidade, ou Temporalidade, que se torna um novo tema para o desenvolvimento artístico em uma época de transformações industriais, políticas e sociais.



Obras Futuristas como as de Umberto Boccioni, à direita e acima e de Giacomo Balla, abaixo se referem ao “efeito de movimento” criado por meio de estratégias visuais como a superposição de linhas e pinceladas, repetição de formas e figuras no intuito de promover a percepção de que a imagem “se move”, não é mais estática como a tradição artística as representava, mas fruto de frações, instantâneos do tempo, nos quais o movimento passa a ser um dos elementos de criação e significação das obras de Arte Visual. Tudo se move e se transforma.

A partir do Futurismo, a questão da Temporalidade, ação ou Efeito de Movimento, passa a fazer parte das manifestações artísticas e participar do contexto das Obras de Arte Visual. Outra tendência que recorre ao deslocamento no espaço é o Cubismo. Embora não tenha proposições “estatutárias” *a priori* como o Futurismo, também recorre à Temporalidade de outra maneira. Explico primeiro o que chamei de “estatutária”:

O Futurismo foi lançado a partir de um Manifesto e este Manifesto instaurou um Movimento, aqui não me refiro ao movimento cinético, mas ao lançamento de ideias, conceitos e parâmetros que irão designar temas, procedimentos e ações para os artistas que adotarem ou aceitarem as proposições como no Manifesto Futurista. O Futurismo é o primeiro Movimento artístico lançado como convocatória para motivar outros artistas a participarem dele, a partir daí surgiram outros Movimentos formais.

O Cubismo não surge a partir de um manifesto, embora se tornasse um Movimento Artístico pela participação de vários artistas, entre eles Picasso, Braque e Gris. Com o passar do tempo as proposições instauradas por estes artistas passaram a ser consideradas diretrizes para a concepção do Cubismo como parte, entre outras manifestações, do que se chamou de Vanguardas Históricas ou Vanguardas Artísticas no início do século XX.

Bem, para descrever o Cubismo, basta comparar com o processo criativo do futurismo. Como disse, os artistas procuravam criar a sensação, o efeito de movimento utilizando artifícios visuais como repetições, rebatimentos, superposições de imagens. Em geral tomavam o assunto de maneira frontal, como sempre se fez desde o início das criações artísticas. O Cubismo, ao contrário, rompia com duas estratégias comuns: o ponto de vista único e com a perspectiva geométrica ótica.

O que os Cubistas faziam era trabalhar o deslocamento em torno do modelo, assunto ou objeto e toma-lo por partes, nunca pelo todo. Cada uma das tomadas era trabalhada na superfície a qual se adicionava outra, outra e mais outra. A tela ou suporte se tornava a somatória de visões e não uma única visão. A conexão entre visões era feita por meio do uso de “sombreamentos”, diluição cromática ou superposição de linhas e ângulos, eventualmente acrescentando colagens de jornais, papel de parede ou cartões impressos.

Com a superposição de imagens o resultado obtido era plano, bidimensional, a perspectiva ou o efeito de volume era anulado. Assim a obra se mantinha como bidimensionais, planas, sem qualquer alusão ao efeito de tridimensionalidade. A maior parte dos trabalhos Cubistas eram realizados por meio de pinturas, desenhos e colagens. Pelo que se percebe há estratégias e processos de criação e elaboração Cubistas. Estas proposições foram depois organizadas no manifesto-síntese de Guillaume Apollinaire em 1913, que instituiu a poesia Cubista.



Les Femmes d'Alger, 1907, de Pablo Picasso, é considerada a primeira obra Cubista. Na qual ele recorta as figuras humanas em linhas angulares, concebe um espaço planar no qual até a mesa com frutas parece estar na vertical.



Fruteira com copos, 1912, de Georges Braque. Mantém a configuração planar e a superposição de diversas “visadas” tomadas no entorno da mesa, fruteira, pratos, objetos, frutas, letras e textos tomados do ambiente ou da memória. Enfim, o Cubismo abre a possibilidade de ampliar o conjunto de elementos participantes ou constitutivos das Obras de Arte. Não são só temas históricos, míticos e religiosos, mas também o cotidiano e o comezinho passam a serem incorporados aos temas artísticos.



Natureza morta com garrafas, copo e faca, 1911, de Juan Gris mantém a visão planar eliminando a sensação de tridimensionalidade. A intensificação da geometrização das figuras usadas como objetos cênicos para a criação da *Natureza Morta*, se tornam campos geométricos planares. As sombras apenas sugerem áreas e não volumes. Com estas obras é possível perceber as estratégias “Cubilianas” de criação e ocupação do espaço, a ideia de movimento recai sobre o deslocamento do artista em torno do ambiente para compor a cena.

Orfismo, movimento da pintura francesa que se desdobrou do Cubismo por volta de 1912. Robert Delaunay e Sonia Delaunay, fundaram o movimento e alguns artistas participantes foram: Fernand Léger, Francis Picabia, Marcel Duchamp e Frank Kupka. Procuravam criar a sensação de movimento cinético a partir do uso, principalmente, de círculos. Seus temas não recorriam a figuras ou representações do mundo natural, mas formas e cores constituindo “abstrações”.



Robert Delaunay. Acima “Explosão de Cores”, abaixo, “Janela Aberta”, 1912.



Na Rússia surge o Raionismo de Mikhail Larionov e Natalia Goncharova que iniciaram o movimento depois de participarem de uma palestra sobre Marinetti e o futurismo, esta foi a motivação de seus trabalhos. Mantiveram a ideia de produzir o efeito cinético de movimento em suas obras, em geral, realizadas a partir de linhas e cores sem muitas referências explícitas ao entorno, caminhando para a abstração.



Acima Larionov, "Raionismo Vermelho". Abaixo Goncharova, "Floresta Azul e Verde".



Como se percebe, em várias das obras Modernistas, a tendência pela Abstração aparece. É curioso notar a inexistência de um Movimento Abstrato. Não há proposições ou manifestos que instaurem o “Abstracionismo”, mas sim condutas de vários artistas e movimentos que investem na ideia de destituir as figuras do mundo natural e as referências simbólicas que, por ventura, pudessem ser usadas como recursos de sentido ou significação em suas obras.

Pode-se dizer, portanto, que a Abstração é uma tendência artística da Arte Visual que surge, já nas primeiras décadas do século XX, permanece por todo ele chegando até os dias atuais. Isto é possível notar também em relação a outras manifestações que são reapresentadas, reoperadas ou ressignificadas durante o passar dos anos. Costuma-se aplicar a tendências parecidas com as anteriores o prefixo “neo”, como o Neoclássico, o Neoimpressionismo e outras possibilidades para explicar proposições, às vezes, anacrônicas.

Costuma-se atribuir a consolidação da Abstração como conduta estética a Wassily Kandinsky. Artista russo nacionalizado alemão. Foi professor da Escola Bauhaus e um dos primeiros autores a discorrer sobre os processos significativos da Abstração. Publicou livros como “O Espiritual na Arte”, “Ponto e Linha em Relação ao Plano” que abordam questões estéticas e estruturais na configuração e sentido das imagens no contexto da Arte Visual. Seu pioneirismo se refere ao interesse de descobrir a significação além da figuração tradicional.

Pode-se dizer que havia um consenso de que as imagens significavam aquilo que representavam em relação às referências que faziam às coisas do mundo ou interpretações de passagens míticas, históricas e feitos heroicos e religiosos; cópia de ambientes como paisagens e naturezas mortas, enfim, fazer Arte Visual se restringia a copiar, interpretar, representar o visível ou dar visibilidade a narrativas previamente conhecidas, aqui entra o trabalho conceitual de Kandinsky.



Composição V



Composição VI

O que se deduz é que a abordagem espiritualista de Kandinsky o leva à Abstração e estes estudos abrem o caminho para outras manifestações artísticas do Modernismo. O Modernismo, enquanto advento estético cultural no contexto da Arte, requeria novas proposições que pudessem consolidar as posturas experimentais que surgiam. A tendência abstrata, naquele momento, pareceu bastante radical, tanto quanto o Cubismo, o Futurismo, ainda figurativos ou o Construtivismo e Neoplasticismo também de raiz abstrata. Kandinsky não foi o único a lidar com a Abstração, mas foi o seu primeiro teórico.

A diluição da forma sob os efeitos luminosos usando a cor com matéria prima pelos Impressionistas; o afastamento da aparência das coisas por meio de deformações e alterações anatômicas ou cromáticas dos Expressionistas; a quebra da tridimensionalidade Cubista; a incorporação do movimento cinético pelos Futuristas e a Abstração como modo de criar imagens por meio das formas e cores sem relações diretas como o mundo natural foram estratégias criativas que surgiram com o advento do Modernismo.

Por outro lado, haviam também tentativas de “organizar”, “racionalizar” as formas. Nesta linha de raciocínio surgem movimentos que, ao contrário de diluir formas e cores, sustentam uma lógica estruturante na configuração das imagens em suas manifestações, é o caso do Suprematismo e do Construtivismo, ambos de origem Russa, que acabaram sendo classificados dentro do que se chamou de Vanguardas Russas.

Atividades

Leituras Indicadas pela bibliografia da disciplina e disponível na Biblioteca central.

Leitura de textos Disponíveis em
TEXTOS:

<http://www.artevisualensino.com.br/index.php/textos>

Leitura da Revista Reflexões sobre Arte Visual, disponível em:

<http://www.artevisualensino.com.br/index.php/revista-reflexoes-sobre-arte-visual>

TICs

MULTIMÍDIA - com vídeos, tutoriais e podcasts:

<http://www.artevisualensino.com.br/index.php>

Audição do Podcast Reflexões sobre Arte Visual, disponível em:

<https://podcasters.spotify.com/pod/show/isaac-antonio-camargo>

Questões para reforço didático e avaliação:

1. *O que é Obra de Arte?*
2. *O que é Interação generativa e intenção volitiva?*
3. *Do que depende uma Obra de Arte para ser compreendida?*
4. *Semioticamente: o que é uma imagem?*
5. *Qual a finalidade de uma Obra de Arte?*